

Pedro J. Nunes
ANINHANHA



romance - 3^a edição

ANINHANHA

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

GOVERNADOR

Paulo Hartung

VICE-GOVERNADOR

César Colnago

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

João Gualberto Moreira Vasconcellos

SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

José Roberto Santos Neves

SUBSECRETÁRIO DE GESTÃO ADMINISTRATIVA

Ricardo Savacini Pandolfi

GERENTE DO SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Rita de Cássia Maia e Silva Costa

Pedro J. Nunes

ANINHANHA

3ª Edição

Vitória (ES)
Secretaria de Estado da Cultura do ES
2015

© 2015 Pedro José Nunes
www.pedrojnunes.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Os direitos sobre esta obra pertencem exclusivamente a seu autor.
A reprodução parcial da obra é permitida desde que citada a fonte.

1ª edição – 1992 - Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes
2ª edição – 1998 - Cultural - ES

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Oficina de Letras

CAPA: Pedro José Nunes

ILUSTRAÇÃO CAPA: Jaciara Antônia

REVISÃO: Pedro José Nunes

IMPRESSÃO: Imprensa Oficial do Espírito Santo (DIO/ES)

TIRAGEM: 1.000 exemplares

Catálogo na fonte

Bibliotecária: Eugenia Magna Broseguini Keys – CRB-6/MG nº 408-ES

N973a

Nunes, Pedro J. (1962-).
Aninhanha / Pedro J. Nunes. 3. ed. __ Vitória :
Secretaria de Estado da Cultura do ES, 2015.
131 p. : 15 x 21 cm.

ISBN 978-85-64423-50-3 (brochurado)

1. Romance brasileiro. 2. Romance – Espírito Santo
(Estado). I. Nunes, Pedro J. II. Espírito Santo (ESTADO).
Secretaria de Estado da Cultura.

CDU 821.134.3(81)-31
CDD B869.352

O poder transformador dos livros

“Livros não mudam o mundo. Quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”, já dizia Mário Quintana. A frase inspiradora do poeta gaúcho contribuiu para definir a linha de pensamento da Secretaria de Estado da Cultura (Secult) sobre a importância do estímulo à leitura e ao desenvolvimento de todas as expressões artísticas do Estado. Por meio do Funcultura (Fundo de Cultura do Espírito Santo), a Secult coordena os editais cujos recursos visam a incentivar a formação e a fomentar a criação, a produção e a distribuição de produtos e serviços que usem o conhecimento e a criatividade como principais recursos produtivos.

Desde a criação do Funcultura, em 2008, na gestão do governador Paulo Hartung, a Secretaria de Estado da Cultura publicou mais de 60 livros que demonstram a riqueza da produção literária do Espírito Santo nos mais diversos gêneros: são romances, contos, crônicas, poesias, ensaios, memórias, obras para o público infantojuvenil e de quadrinhos, entre outros estilos, que traduzem a criatividade dos escritores da terra e representam páginas importantes da identidade cultural capixaba.

Essa diversidade literária está presente na publicação dos 23 títulos agraciados pelos Editais da Secult em 2014. Um de nossos objetivos é tornar a atividade cultural uma estratégia eficaz nos programas de desenvolvimento do Estado do Espírito Santo. A publicação de livros como este que chega às suas mãos, caro leitor, faz parte deste contexto e reafirma a política cultural do Governo do Estado de incentivo ao conhecimento literário. Todas as obras promovidas pela

Secult são distribuídas em bibliotecas e escolas do Estado. Elas estarão também na rede estadual de Bibliotecas Públicas, chegando também às unidades móveis e à Biblioteca Transcol.

Desejamos a todos uma boa leitura.

João Gualberto

Secretário de Estado da Cultura.

Pedro Nunes

Tive a alegria de conhecer seu texto, por nosso comum amigo Jorge da Logos. Gostei muito. É forte, sabe gritar sombras, pedras e luz. Um ritmo poderoso. Merece, e logo, a publicação.

Não gostei do título. Mas ficou uma coisa resmungando: ANINHANHA. Não seria o título?

Seu livro tem garra, vai ganhando espaço. Você é dos que pegam palavras no voo, ao desrespeito. E também no cio furioso. "A gente quando não se pode mal algum dá-se ao gozo da alheia dor".

Roda, redemoinha verbalmente. Nas vocábulas vertigens. Tentando desarmar sentidos e os configurando. Reanimando. Sem esquecer um certo ar grotesco, paródico. Passa a existir, acreditando a fé e o delírio. "O que é verdade, por que existem as margaridas?" Você caminha entre Rosa, Clarice, Beckett, Joyce. Mas é você mesmo na sua criatura. Aninhanha é um grito. Gritamos juntos.

Vitória, 21.11.90.

Carlos Nejar

Para Mariana

Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. (...) A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A (...) vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique.

Clarice Lispector

Conto consumados casos. Faço por uma necessidade do de dentro, de não carecer explicações. Pelo menos por enquanto no agora as explicações não as. É que na verdade nem me dou conta do que a seguir vem de vir. Mas não me esqueço, meu caro, que o inexistido começa a existir quando cogitado. Isto é comigo pertinência das minhas necessidades. Ouça e vá julgando como lhe aproveite. Pergunto-me no bem mais dentro no não entrável com uma insistência de água se vão interessar a alguém estas carcomidas irrealidades de um tempo em vão, um tempo sem rumo que pode agasalhar uma vida, várias ou nenhuma, disso lhe nada afianço. Mas como me não é possível obter respostas, ou pior, como me não é possível saber se está o senhor sendo sincero, eu rumino cacos, pois me é inevitável fazê-lo. Verá que bem posso justificar-me. É ir ouvindo enquanto lhe não desata o riso. Também é verdade que pode o acaso de seu enfado e consequente fuga deixar-me aqui falando sozinha, gesticulando na inutilidade estes braços magros de tantos séculos que por si sós nada falam. É que estes casos não devem interessar a ninguém, poupe-se de assegurar-me o contrário. Não os revelo senão por uma necessidade dentro de mim predominante. Confesso que não há de que se possa apalpar a razão desta vida coberta de brumas e regurgitada com dificuldades pela mente turva. Aliás creio mesmo que enquanto primeira pessoa absurda não passei não passo nem vou passar de uma notícia vaga a modo

de sonho, um sonho enfurecido, alguma coisa vaga e fumarenta rapidamente diluída. Se assim penso, mesmo baseando-me em fatos vagos de caquinhos recolhidos, o faço à base das cogitações mais enraizadas aqui dentro do escuro poço escuro a que me reduzi, nos pedaços que vim ajuntando na noite da dor, nas horas ruminantes dos últimos tempos. O senhor me não peça explicações. É tudo possível neste plano a quem na lama. No universo do delírio é ilimitada a possibilidade das coisas. Proponho-lhe um sonho coletivo sonhemos juntos. Uma promiscuidade. Eu preciso recolher os meus cacos, esta estória é a última parte de mim. São tantos os nós da existência quanto irreparáveis e brutais que somente quem andou na escuridão como andei, iluminada por candeeiros longínquos, é que pode testemunhar. Aborreço-o. Eu nunca tive nunca quem me ouvisse, é possível que o irrite com a narrativa emperrada as minhas naturais dificuldades. Mas advirto: estamos apenas no princípio das dores, muita lama está por vir. Não posso amarrá-lo a ouvir-me o barulho seco do vômito na poeira nem a assistir-me nas lamurias somente justificadas pelo testemunho. Volta amanhã? O início é sempre dificultoso. É inevitável que importantes partes flutuem, mas não posso evitar que vá. Tanto pior tanto melhor não esclareço. Falarei sozinha durante toda a noite, é provável que nada exista amanhã, encontrarão aqui um embrulho repugnante sem graça de olhos inutilmente postos no teto úmido. Exaurida. Não me assusto, deixe de cerimônias, meu senhor, não quero aborrecê-lo. Acha interessante que eu prossiga? Permita-me o riso esse inimigo. Sejamos francos: a quem poderá interessar a ruminação, a danação dos tempos de uma mulher inútil como eu? Seja como for isso é lá com o senhor, prossigo por necessidade minha. Abra um pouco a janela, liberte aquela

mosca que esvoaça contra a vidraça, não me é possível suportá-la mais. Está dizendo inúteis coisas, não tente animar-me, avivar o fogo de brasas mortas. Eu me conheço mal me conheço essa vida que arranco das vísceras. Perdi a noção do tempo no mistério da divagação, é névoa onde o começo de uma, várias ou nenhuma vida aqui dentro gritando. Aqui a confissão necessária. Não julgue que não tivesse eu não tenha um desejo que beira ao desejo dos bichos em lutar para que não pudessem não possam ser do jeito que dispostas são as notícias que lhe conto. Não é desses entre muitos os descaminhos que me pesam. Eu lutei bravamente contra o rumo que iam tomando os fatos que compuseram a ferida exposta que sou. É verdade que lancei mão dos recursos de que dispunha e o senhor verá afinal que não são muitos. Não porque não desejasse, mas porque impostos foram de irremediável outrossim. O início do tudo, posto há em tudo um início. Na névoa que cobre estes anos todos eu posso descortinar nos profundos da noite o casal vagando os ocultos, trêmulo-nervoso dos circunstantes. Por mais que tenha tentado por mais que tente ainda o em vão não lhes consigo imaginar os rostos, há que me faltar sempre um pedaço. Mas lhes sinto lhes pressinto o nojo e o medo e o susto como um sentimento único, que não se fazem as tais coisas sem senti-lo. A dor dos homens artificial dor feito carroça que vai aonde os nossos quereres. Carroça enorme das intermináveis tardes. Dia noite dia. Noite que é a noite que se ocultam os medonhos. Um homem uma mulher os pais do bicho louco bicho inútil bicho necessário. Ele carregava o monstro pequenino-amortalhado o insignificante monte de carne e sangue organizado que não protestava, mudo. Acaricio o rosto do louco meu pai o pai da dor. Dela o que pressentir? Nada o vazio um ser decapitado sem cérebro assim meio eu

que se congrega em mim. Estes fatos todos apenas delimitação de onde o começo-hipótese, a que dentre todas melhor me parece. Divago. Nunca soube o local, antes que adquirisse consciência das coisas fizeram lá uma praça um gramado limpo-verdinho bem onde esconder a anterior miséria, um gramado cuidadinho de jardineiro para ocultar de vez o lixo e o bicho. Abra mais a janela, já foi embora a maldita mosca? Aproveite de dar-me um pouco de água, a garganta arde. Ao senhor lhe faculta visualizar a cena? É bem possível, mas não corno a visualizo: ela me passou pelas possibilidades como a água e seu ciclo debaixo das palafitas durante todos os anos todos os dias. Posso mesmo sentir o barulho dos pés no amassando o capim: vento sim vento não, não devia ser noite ventanoso-medonha. Doem-me nos ouvidos aqueles passos possíveis. Relutância houve não houve não atino. Mas queria que sim que sim, que ela que não que não do não um soco na boca e sangue e sangue o sim definitivo, que a mulher é de sempre dizer sim. Pois que depositaram no chão o fardo sozinho na friagem e ganharam novas rumas os pés e as mãos limpinho-aliviadas. O senhor deveria da pergunta da importância que o embrulho. Importância não tem nunca teve abandonado no onde agora tem um gramado verde-verdinho debaixo do humano sol humano. Foi ontem anteontem ou há muitos anos que foi pode nem ter sido. Preciso lembrar que estou presa de minhas interiores necessidades, que quero de mim ir além do possível. Então o senhor perguntaria que importância teria o embrulho deixado no vago da noite que ali abandonaram até que amanhecesse, até que as pessoas as gentes comessem a vagar por aquele canto de mundo. Hoje tem lá um monumento a um desses muitos heróis, uma pracinha verdinha, alguma construção caiadinho-bonita que

ignora e apaga os antecedentes acontecidos. Aninhanha! Aninhanha! Que bicho esquisito era Aninhanha! Empurrava o carroção superior às suas humanas forças, apoiava nos peitos murchos e ia empurrando como quem empurra o tempo interminável o caso o carroção cheio de lixo, levagem de garrafas verde-escuro-velhas garrafas branquinhas dos eleitos homens que as depositavam depois do festim no obscuro das calçadas para que gente como ela apanhasse todos os dias num interminável e porco recolher de sobejos. Aninhanha não tinha noção do tempo cada dia o seu lixo, nunca soube me dizer nas raras ocasiões em que falou o tempo em que recolheu no lá aonde aquele meio ensanguentado embrulho que continha uma criança arroxeadada e que não havia morrido ainda por causa da necessidade entranhada em mim. Como é febril a dor da revolta! Posso prever no riso arreganhado o dia ganho sem trabalho, o hospital qualquer e a vida na tarde seguinte sendo entregue para ganhar-se. Aninhanha eu nunca lhe soube o nome nem o número, aprendi a chamá-la e a pensá-la assim anônima. Ela nunca falou da parte que coube à angústia daquele dia, não tinha tempo nem disposição de falar, quase nunca me falou esse tempo todo. Não tenho como recordar-me do então irremediavelmente perdido na desmemória. Aqui me vão conjecturas e desejos, o cheiro de podre. Imaginar como foram os primeiros tempos hiato, mas nada dizer do concreto absurdo concreto. Antes de tudo aquilo a que pretendo chegar com estas rumações eu gastava muito do meu tempo imaginando os primeiros dias, sonhava em que Aninhanha me algum dia mostrasse a oculta fotografia que nunca. O desejo reacendia quando via as gentes umas às outras se mostrando fotografias e risos, mas nunca perguntei a Aninhanha de uma. A memória está esvoaçando ferida de

bater contra as vidraças aprisionada. Uma coisa me lembro bem: a fome o vazio da fome a dor. Não poderia colocar em medidas humanas a minha noção de então da fome, na maioria das vezes nunca via Aninhanha por perto quando a fome vinha feito o escuro da noite medonha quando eu começava a gritar. Mais tarde compreendi que na hora do grito ela acendia seu interminável cigarro de papel grosseiro, acocorava-se no lá longe e ensurdecia no ignorar meus necessários. Endurecida feito pedra achava melhor ignorar do que sofrer irremediáveis. Compreendi que tinha razão no assim proceder, em nosso caso evitava mais uma angústia em meio a tantas. Muitas vezes acordei assustada no meio da noite a cama rangendo, o cheiro selvagem de suor empestando o ar, eu ignorada, gemidos abafados num monte indescritível rolando na cama dura de Aninhanha. Chorava baixinho meu medo e esquecida acho que de tanto chorar acabava dormindo esquecida. A essas impressões associei outras quando comecei a ter noção mais justa das coisas dos fatos todos retalhos de um tecido absurdo que Aninhanha tinha suas práticas de mulher de muitos homens por moedas sem direito ao grito. Fragmentos-fragmentada. O senhor está diante de um bicho fragmentado, dividido em cacos semeados na incoerência. Aqui justifico que essa vida vivi sem motivos a poética vida dos trapos, assim insistindo sem vontade própria como quem vive vida de expiação vida carregada vida de carregaç o, provisórios de ir adquirindo imunidade às avulsas, bicho enfurecido de vida. Assim foi assim fui inexisto. Ia adquirindo sozinha minhas impressões do mundo. O rosto de Aninhanha por mais que tivesse me assustado no princípio assim parecendo o rosto da adversa nega o — o senhor que me escuta me entenda — mais tarde parecia-me muito bondoso, impregnado de algo

indefinivelmente bom. É verdade que quase não nos olhávamos nossos olhares. Captava-lhe às vezes o oblíquo dos olhos quando vinha cuidar de mim com os lábios sempre muito apertados. Ela me tirava o pano sujo e colocava outro de menos sujices espreitando pelo vazio da janela o espírito das palafitas. Nunca nem uma vez me olhou no profundo dos olhos. Evitava-me como se algum pensamento inconfessável se descortinasse caso nossos infinitos se encontrassem nas retinas. Eu estendia minhas mãos de dedos curvos, agarrava dela a carapinha, Aninhanha empurrava-as com pouco dissimulada irritação, rosnava qualquer ameaça, recolhia-se em seu silêncio. Eu levava novamente as mãos em sua direção e agarrava da carne preta os peitos secos e me inchava do seu cheiro embrutecido de suor, cachaça e inhaca de cigarro. Os olhos distantes que nem de parecer ali. Flutuavam duas bolinhas pretas nas sombras. Recorda-me muito o silêncio do quarto escuro, a janela muito pequena de pouca luz e as tábuas pretas agarradas de fuligem. Um ou outro ruído das gentes passantes assustava-me muito a ponto de pôr-me a gritar o grito que me era possível e que ninguém ouvia. Nesses tempos Aninhanha ainda não me levava em suas andanças cata de lixo, deixava-me só na cerca de tábuas velhas entregue a mim. Acontecida dos gritos da fome até que ela chegasse e me desse os sobejos do lixo ou não. Fui me acostumando à solidão e aos indisciplinados horários. Quando se lembrava Aninhanha deixava-me alguma garrafa colorida com que me entretinha. Na maioria das vezes caía no chão e eu ficava o resto do tempo sem o vínculo que me um pouco amenizava a solidão. Houve um específico tempo em que rompi as tábuas e libertei-me, achou-me Aninhanha no chão, não demonstrou susto porque na verdade nunca o susto, estrangeira devolveu-me à cama,

deve ter-me dado alguma coisa que comer. Estou convencida de que lhe desinteressam estes fatos, desnecessário dizer-me do contrário, mas se quer compreender o tudo é preciso ouvir dos meus inícios as impressões que me vieram fazer assim como sou mulher absurda uma nenhuma várias. Não posso deixar de dizer-lhe dos capítulos todos os capítulos insanes que me levaram ao último ato. É preciso que me justifique. Chove ou faz sol? Eu sinto um frio horrível. Pela janela o tempo parece tão indefinido, mas de que me serve o tempo? O tempo. Medido. O senhor me perdoe a divagação, que é com ela que venço as naturais dificuldades do afagar estes fatos. O que é que leva as gentes ao encontro dos seus demônios impacta-arrebentando ainda que não seja essa a vontade escrita e havida? Eu que já nasci morrendo o que é que me trouxe ao redemoinho das porcas profundas águas? Não se angustie que não haja respostas que possa dar. Seria absurdo abrir as cortinas absurdo o real. Os tempos estão longesquecidos cobertos de poeira, a névoa que me toma empurra-os para a escuridão louca, eu tenho comigo consciência disso, eu sei o que é impor-se relembrações das descoloridas dores atreladas à existência porca existência em condições de abandono e solidão e abandono. Mas continuo, é inevitável que cometa o balanço dos anos. Não faça caso: se quiser pode se retirar, a parede ficará aqui, o eco da minha voz na parede branquinha tão diferente de todas as outras paredes dessemelhantes das de tábuas velhas. Só via coisas assim tão branquinhas quando depois de alguma festividade as praias, quando catava garrafas vazias. Aninhanha ia achando em algumas um resto de líquido, bebia e ria escarafunchando os horizontes que na sua cabeça deviam ser horríveis. A imensidão em certas pessoas endoidece. As areias de algumas

praias são tão branquinhas. Contrastavam de forma admirável com a escuridão do tugúrio onde eu e Aninhanha montes de lixo nos recolhíamos num sono prostrado de nada ver e sentir. A consciência que tenho daquelas coisas está bastante fragmentada, mas para o que preciso agora é suficiente. Porque é dos cacos que me componho este mosaico enfurecido. Com o passar do tempo minhas impressões do mundo iam mudando, o meu mundinho sintético tomando formas adversas conforme as novas circunstâncias e as novas eras. Algum fato bom posso e devo me lembrar na medida em que caminhe os labirintos miseráveis, coisas das quais é saudável lembrar agora e que refrigeram-me da dor da dor quando todas elas boas e más já se foram com a poeira do tempo. O tempo e as volutas. As tábuas pretas do tugúrio, a intransponível longínqua janela reveladora de diferentes mundos, a janela impossível quase sempre fechada, os afazeres de Aninhanha em sua calma de abandono e de silêncio e silêncio. Aninhanha e seus afazeres de só fazer as coisas indispensáveis à sobrevivência sem jamais se preocupar com as acessórias necessidades. Eu dela via muito as ossudas costas encurvadas em trabalho qualquer a nunca terminada tarefa a nuca a carapinha desgrenhada que acho nunca penteou. Não me recorda haver visto o rosto de Aninhanha no sono, ela me parecia sempre desperta e pronta. Creio que aliás usava a cama mais para semvergonhices troca de dracmas, prática que então só exercia à noite, quando tudo escuro evitava que eu lhe visse as gengivas apertadas de sofrimento. Ela tinha as ancas firmes o traseiro generosamente cheio, as carnes dos flancos ao contrário dos peitos, murchos, eram carnes duras e quentes, boas de pegar de carícia e arranhar e babar: atração dos brutos, animais abestalhados de cio. Eu

Fim da amostra